

VERSUS: OS PRIMEIROS VERSOS ASPECTOS DA POESIA PUBLICADA NO PRIMEIRO ANO DO JORNAL

Jeferson Candido

Não há documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie. Walter Benjamin, Teses sobre filosofia da história

VERSUS

Há um ano, *Versus* nasceu. No dia 22 de outubro. Num cenário sombrio. Trazíamos uma proposta: fazer um jornal brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto “as novidades”. Um jornal sem vergonha de assumir a reflexão e a cultura, num momento em que na grande imprensa Letras, Artes e Pensamento eram relegados à condição de “variedades”. Ao mesmo tempo, não sentíamos *Versus* como uma “revista literária”. (Algumas vezes, assim fomos chamados — e isto nos aborreceu.) Nem como uma “revista cultural”. Talvez porque nosso conceito da literatura e de cultura nos conduzisse a outros caminhos. *Versus* queria construir o seu próprio espaço. Este era o desafio. 1

Vendido inicialmente de mão em mão, o jornal chegou a ter distribuição nacional, com tiragens de até 30 mil exemplares. Fundindo elementos usados livremente — jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura, poesia 2 —, *Versus* se diferenciava muito das outras publicações alternativas de então. Sem discutir pura e simplesmente política (ações, tendências, opiniões), era através de seu conteúdo que se descortinavam as idéias sobre a época. Segundo Kucinski, *Versus* operava no “plano ideológico através de metáforas culturais e históricas, dos heróis das esquerdas” 3.

A América Latina estava em suas páginas não só através dos textos de conhecidos autores latino-americanos, como também nas reportagens sobre os diversos países do continente. Foi em *Versus*, também, que surgiu “o primeiro jornal negro dentro de um outro jornal” 4, com a criação do caderno Afro-latino-américa, onde colaboravam escritores e intelectuais negros.

1 Editorial, *Versus* nº 06, out./nov. 1976.

2 KUCINSKI, Bernardo — *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991, p.189.

3 Idem, *ibidem*, p.189.

4 Idem, *ibidem*, p.196.

Por sua temática, o jornal foi atraindo militantes e exilados. Entra em cena a Liga Operária, organização clandestina formada por exilados brasileiros que retornavam do Chile e Argentina. Era o segundo semestre de 1977 e o jornal estava em seu apogeu. Com a entrada de membros da Liga Operária na equipe de *Versus*, cresce o ativismo dentro da redação, sendo formado um conselho editorial no qual a maioria pertencia à Liga, o que leva às lutas internas. Em janeiro de 1978, a Liga Operária lança, via *Versus*, o movimento Convergência Socialista, que tinha por intenção formar um partido socialista. Surge a idéia de o jornal ser controlado por esse movimento e a edição n.º. 18 já sai sob seu controle. A política real começa a tomar o espaço das narrativas míticas: “Versus, que inicialmente estava completamente voltado para a cultura como forma de ação política, assumiu o discurso político” 5. A Liga Operária muda seu nome para Partido Socialista dos Trabalhadores e assume por completo o controle do jornal, transformando-o em um “boletim do partido” 6. Marcos Faerman — criador do jornal e editor-chefe — e seus colaboradores abandonam *Versus* em fins de 1978, mais precisamente no n.º. 23. Com a prisão de muitos membros da Convergência, o movimento e o jornal passam a ser dirigidos diretamente pelo PST argentino. A partir da edição 26, numa tentativa de melhorar a qualidade do jornal, foi oferecida liberdade de edição aos editores não-membros do partido, o que, porém, não durou muito. A vendagem do jornal caía continuamente.

Assim que puderam, os argentinos propuseram o fechamento de *Versus*. Uma das alegações era a de que o jornal era de má qualidade. Estavam na época fazendo a *Revista de América*, na Colômbia, e queriam distribuí-la em toda a América Latina, inclusive aqui. 7

No decorrer de 1979, com o partido passando da clandestinidade para a esfera pública, o jornal deixava de ser importante na organização partidária. O número 34 saía em outubro, sendo esse o último.

VERSUS E A ARTE (OU A ARTE COMO ARMA)

Por suas particularidades, *Versus* é um dos mais importantes jornais alternativos da década de 70. Num momento em que a repressão era algo muito comum aos latino-

5 Editorial, *Versus* n.º. 18, fev./1978.

6 Conforme depoimento de Marcos Faerman in: KUCINSKI, Bernardo. Op. Cit., p.203.

7 Conforme depoimento de Jorge Pinheiro in: KUCINSKI, Bernardo. Op. Cit., p.206.

americanos — repressão não só física, mas principalmente cultural —, o jornal tornava-se porta-voz de intelectuais, escritores, desenhistas, fotógrafos. A arte, com suas metáforas, era usada como arma política: o teatro inca representando o fim de um povo, ou a poesia negra de resistência e luta na África do *apartheid*. A literatura em *Versus* assumia um papel que muitos sempre lhe cobram: sua função social. Através da arte, a crítica ao sistema, as denúncias. Nas suas entrevistas, reportagens, crônicas, ensaios, encontramos Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes — uma pequena amostra da participação latino-americana ⁸ —, Chico Buarque, Ferreira Gullar, Modesto Carone, Darcy Ribeiro. Tudo isso aliado ao grande diferenciador do jornal com relação aos demais: a imagem. Belos desenhos e fotos, fazendo da imagem não apenas uma ilustração do texto, mas tornando-a outro “texto”. Junto com a militância política, a militância cultural (aqui representada por *Versus*) foi sem dúvida fundamental nesses tempos obscuros pelos quais passou a sociedade brasileira e latino-americana.

Pensando nessas características, escolhi *Versus* como meu objeto de pesquisa no Projeto Poéticas Contemporâneas II. Após a leitura e indexação dos primeiros seis números, já é possível observar alguns aspectos do material publicado. Dentre os muitos recortes que poderia fazer, optei por uma leitura inicial da poesia publicada no jornal durante seu primeiro ano de circulação.

VERSUS e os Versos

A poesia é uma constante em *Versus*, estando presente em todos os números no seu primeiro ano de circulação (com uma ressalva para o n.º 04). Na busca dos “valores” da poesia da época, o jornal é uma grande ferramenta. Fornecerei um panorama sobre a poesia (e tudo relacionado a ela) publicada em *Versus* a partir dos dados relativos aos n.ºs. 01 a 06, mais precisamente out./nov. de 1975 a out./nov. de 1976. Procuro, nessa primeira leitura, pensar o lugar da poesia no jornal. Para isso proponho quatro eixos, ou “modos de aparição” da poesia. Serão descritos assim, de acordo com cada eixo proposto, os poetas e poemas presentes no jornal, bem como os

⁸ Muitos desses textos foram publicados originalmente na *Crisis* argentina. Após o fim da revista, Galeano enviou a Marcos Faerman as quarenta edições do periódico argentino. Cf. KUCINSKI, Bernardo, Op. Cit., p.195.

autores de artigos sobre o assunto. Para uma melhor visualização, consta ao final uma relação desses autores 9.

I. A poesia como poesia

O termo serve para designar a presença da poesia enquanto único objeto de leitura, isto é, livre de qualquer outro texto. Isso ocorre nos três primeiros números de *Versus*. No n.º. 01 temos duas páginas de contos e poesias, selecionados por Modesto Carone e Bóris Schnaiderman. Ali, os contos e poemas ganham espaço exclusivo. Estão aí os poetas Affonso Ávila, com “Elaboração da fome”, Zulmira Ribeiro [Tavares], com “Água” (que está incompleto segundo nota em *Versus* n.º. 02), Octávio Paz, com “Epigramas”, e um soldado da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), com “Relatório”. Em *Versus* n.º. 02 encontramos Pier Paolo Pasolini com os poemas “O lamento da escavadeira” e “Ao príncipe”. *Versus* n.º. 03 traz Toninho Mendes (que fazia parte da equipe de *Versus*) com “duro seco frio” e quatro poemas de Modesto Carone: “Grotresco”, “O espetáculo”, “Urbana” e “A toca”. No primeiro ano do jornal, esses foram os poemas publicados de acordo com o primeiro eixo proposto.

II. A poesia como tema

Aqui a poesia aparece como tema de artigo. Nesse caso, encontramos o poema sempre ao lado dos textos críticos. Esta é a maneira pela qual a poesia mais aparece no jornal. Prova disso é que apenas no n.º. 04 não temos artigo tratando de poesia e/ou poeta.

A literatura de cordel ganha destaque nos dois primeiros números do jornal. No n.º. 01 temos “Versos para Zé Limeira, de Otacílio Batista e outros poetas limeirenses”, artigo de Mauro Barbosa de Almeida e entrevista de Ruth Terra com Otacílio Batista. O artigo trata de Zé Limeira, poeta de cordel tido por alguns como um “mito”, já que teve seu nome e estilo adotado por outros cordelistas. Juntamente com o artigo, temos nove poemas de Zé Limeira sob o título “Eu me chamo Zé Limeira”: “Zé Limeira sobre filosomia e outros assuntos”, “Mulher adúltera”, “Paus de Arara”, entre outros. Seguindo esse artigo, “Chico Nunes das Alagoas”, também escrito por Mauro B. de

9 Foram considerados autores também aqueles que não tratam de poesia em seus artigos, mas a utilizam como “ilustração”, uma vez que temos aí, implicitamente, um critério de escolha das poesias por parte desses autores.

Almeida, no qual trata do lançamento do livro “Chico Nunes das Alagoas”, de Mário Lago, pela Civilização Brasileira. Chico Nunes foi também um poeta de cordel, que estava um tanto à margem, e é resgatado, no livro, por Mário Lago, segundo Mauro de Almeida. Acompanham o pequeno artigo alguns versos de Chico Nunes. Em *Versus* n.º. 02, José Francisco Borges — ou J. Borges, como é mais conhecido — tem publicado um depoimento, enviado por ele a Mauro B. de Almeida, no qual relata um pouco de sua vida e como chegou ao cordel, arte que lhe rendeu um pouco de dinheiro e reconhecimento. O título dado ao depoimento é “No tempo em que os bichos falavam”, e temos, ao lado do depoimento, três pequenos poemas (“O galo valente e a cachorra pelada”, “O macaco e o leão” e “O namoro do calango”), ilustrados pelo próprio J. Borges. *Versus* n.º. 03 traz um ensaio de Bóris Schnaiderman intitulado “Esplendor/miséria de A. Krutchonikh”, no qual Schnaiderman comenta aspectos da poesia e da vida do poeta russo Alexei Krutchonikh, cuja obra foi posta de lado pela própria crítica russa. Seguindo o ensaio, o poema “inverno” de A. Krutchonikh, traduzido por Haroldo de Campos e Bóris Schnaiderman. *Versus* n.º. 05 traz uma entrevista com Ferreira Gullar, então no exílio. “O último grande poeta brasileiro” é o título da entrevista, realizada em Buenos Aires por Abrão Slavutzki, Sônia Blauth e Raul Moura. Gullar relata a história de sua relação com a poesia, desde os primeiros versos ao então poeta exilado. Lembrando uma das características do jornal, a entrevista tem um aspecto gráfico bem cuidado, com uma página só de fotos do poeta e, inseridos em uma coluna central, oito fragmentos do livro *Poema Sujo*, editado pela Civilização Brasileira. Há ainda nesse número um artigo de Modesto Carone: “Brecht e a literatura”. O artigo trata dos poemas e contos escritos por Brecht e, juntamente com alguns contos, traz cinco poemas do dramaturgo alemão (“Epitáfio ao partir de N.Y.”, “Hollywood”, “Perguntas de um trabalhador que lê”, entre outras). É em *Versus* n.º. 06 que encontramos, creio, o artigo de maior fôlego sobre poesia. Trata-se de “Poemas negros da África Branca”, ensaio de Florence Vaillant que faz um relato da situação literária sul-africana após o massacre de Sharpeville em março de 1960, no qual morreram muitos escritores. Vaillant fala da dificuldade dos novos autores em divulgarem seus poemas num país onde a literatura é considerada subversiva, pensando também o conflito entre se expressarem na língua materna ou em inglês. Ilustrado com fotos, em páginas negras, temos dez poetas e doze poemas, escritos em tipos brancos. Estão presentes nessa pequena seleção: Stanley Motjuwadi (“Mentiras brancas”), James Matthews (s/ título), Sydney Sepamla (“A quem interessar possa”), J. J. R. Jolobe (“Eu

sei como se faz um escravo”), Adam Small (“Em memória de Ingrid Jonker”), Casey Motsisi (“O milagre da oração”), Gladys Thomas (“Olhos furiosos”), Mongane Wally Serote (“Um cigarro que queima” e “Razão de morrer”), Mafika Mbuli (“Os mineiros”) e Mandlekosi Langa (“Ode de uma mãe a seu filho natimorto” e “No instituto de pensões”). Esses os artigos sobre poesia, que, como podemos observar, são muito abrangentes, indo da poesia de cordel à poesia russa.

III. A poesia como nota

Em “a poesia como nota”, àquela que consta na seção de notas do jornal. Entre as resenhas e pequenos artigos encontramos João Cabral de Melo Neto e Pablo Neruda, que nesse primeiro ano do jornal só constam na seção de notas.

Em *Versus* n.º. 02 há uma pequena resenha dos livros *2000* e *El corazón amarillo* de Pablo Neruda que saíam em edições de bolso pela Torres Aguero, de Buenos Aires. Também em *Versus* n.º. 02 “João Cabral de Melo Neto: uma confissão, um poema e uma crítica”. Com a informação do lançamento, pela José Olympio, do livro *Museu de tudo*, constam aí um trecho de depoimento de João Cabral à revista de estudantes da USP *Geratriz*, o poema “O artista inconfessável” e a reprodução da “orelha” do livro *A imitação da forma — uma leitura de JCMN*, de João Alexandre Barbosa, Livraria Duas Cidades, escrita por Haroldo de Campos. *Versus* n.º. 03 traz um poema do jornalista Alberto Dines intitulado “A questão da postura”. Também o poema de um leitor, Domingos Abreu Miranda, sem título. Pablo Neruda reaparece em *Versus* n.º. 06, na nota “De Neruda”, escrita por Mário Merlino, nota que é na verdade um pequeno ensaio sobre a poesia de Neruda. Os artigos da seção de notas não são artigos de grande fôlego, mas sem dúvida são importantes, pois tratam de assuntos contemporâneos ao jornal, como no caso, o lançamento e/ou reedições de livros.

IV. A poesia como ilustração

Em *Versus*, nem só de desenhos e fotos vive a ilustração: há também poesia. A poesia como ilustração é aquela que surge em meio aos textos — não os textos sobre poesia — servindo, por isso, como uma “ilustração”. É o caso de dois poemas (“Mussunda amigo” e outro s/ título) de Antonio Agostinho Neto, poeta angolano, que ilustram o artigo “450 anos de genocídio” de Vilma Gryzinski no primeiro número de

Versus. O artigo trata da opressão sofrida pelo povo angolano desde que os portugueses chegaram às suas terras. Agostinho Neto era líder à época do Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA) e foi o primeiro presidente da Angola independente. Em *Versus* n.º. 04 — que até aqui não havia sido comentado — encontramos alguns trechos de poemas de Nicanor Parra no artigo “Santiago do Chile, março de 1976”, de Wagner Carelli. Carelli toma versos de Nicanor como subtítulos para seu artigo, que retrata a capital chilena dos primeiros tempos da ditadura de Pinochet. Temos ainda, dentro desse eixo, um poeta inusitado: Dom Paulo Evaristo Arns, que comparece como poeta em *Versus* n.º. 06. No ensaio fotográfico sobre a velhice “...e poderia não ser tão duro este final”, Dom Paulo tem cinco poemas, juntamente com uma crônica de Cyro Martins, que ilustram o ensaio do fotógrafo Marcos Magaldi. A poesia como ilustração, embora pouco presente, ressalta o caráter do jornal de incorporar ao artigo outros elementos. Utilizando a poesia como ilustração, *Versus* faz com que o artigo se abra para o leitor, possibilitando-lhe duas leituras, a do artigo e a do poema.

O LUGAR DA POESIA EM *VERSUS*

A poesia publicada em *Versus* é passível de muitas análises. Poderíamos pensar a questão local/universal: *Versus* dá o mesmo espaço ao poeta de cordel Zé Limeira e ao poeta russo Alexei Krutchonikh. Ou a questão cânones/desconhecidos: Octávio Paz ao lado de um soldado da FRELIMO, e ainda a publicação de poemas de pessoas que sequer eram poetas, como Toninho Mendes e Alberto Dines.

Mas essas questões, creio, se inserirem num “valor” maior que podemos atribuir à poesia publicada em *Versus* no período: o caráter de protesto. De acordo com os eixos propostos, evidencia-se a poesia contestatória. O eixo I é claro nesse sentido, basta olharmos os títulos dos poemas. No eixo II idem: a resistência da cultura popular, a resistência contra o racismo na África, a resistência contra a ditadura brasileira no exílio. No eixo IV, a poesia está ao lado, ou melhor, dentro de artigos que tratam de colonialismo, ditadura, desrespeito. Cabe ao eixo III, as notas, tratar de aspectos mais formais da poesia, o que não deixa de ser coerente com o que, provavelmente, é a “poesia válida” para *Versus*.

Dentro da proposta inicial do jornal de se utilizar da cultura como forma de ação política, junto com as reportagens, contos, histórias em quadrinhos, o poema é mais uma

arma na luta contra a opressão. É preciso não esquecermos de que período histórico estamos tratando.

ANEXO

RELAÇÃO DE AUTORES:

1. AGOSTINHO NETO, Antonio (IV)
2. ALMEIDA, Mauro Barbosa de (II)
3. ARNS, Paulo Evaristo (Dom) (IV)
4. ÁVILA, Affonso (I)
5. BARBOSA, João Alexandre (III)
6. BATISTA, Otacílio (II)
7. BLAUTH, Sônia (II)
8. BORGES, José Francisco (II)
9. BRECHT, Bertolt (II)
10. CAMPOS, Haroldo de (II) (III)
11. CARELLI, Wagner (IV)
12. CARONE, Modesto (I) (II)
13. DINES, Alberto (III)
14. GRYZINSKI, Vilma (IV)
15. GULLAR, Ferreira (II)
16. JOLOBE, J. J. R. (II)
17. KRUTCHONIKH, Alexei (II)
18. LAGO, Mário (II)
19. LANGA, Mandlekosi (II)
20. LIMEIRA, Zé (II)
21. MAGALDI, Marcos (IV)
22. MARTINS, Cyro (IV)
23. MATTHEWS, James (II)
24. MBULI, Mafika (II)
25. MELO NETO, João Cabral de (III)
26. MENDES, Toninho (I)
27. MERLINO, Mário (III)
28. MIRANDA, Domingos Abreu [leitor] (III)
29. MOTJUWADI, Stanley (II)
30. MOTSISI, Casey (II)

31. MOURA, Raul (II)
32. NERUDA, Pablo (III)
33. NUNES [das Alagoas], Chico (II)
34. PASOLINI, Pier Paolo (I)
35. PARRA, Nicanor (IV)
36. PAZ, Octávio (I)
37. SCHNAIDERMAN, Bóris (I) (II)
38. SEPAMLA, Sydney (II)
39. SEROTE, Mongane Wally (II)
40. SLAVUTZKY, Abrão (II)
41. SMALL, Adam (II)
42. SOLDADO da FRELIMO (I)
43. TAVARES, Zulmira Ribeiro (I)
44. TERRA, Ruth (II)
45. THOMAS, Gladys (II)
46. VAILLANT, Florence (II)